

MARCELINO SANZ DE SAUTUOLA

*BREVES APUNTES SOBRE
ALGUNOS OBJETOS PREHISTÓRICOS
DE LA PROVINCIA DE SANTANDER*

(Traducciones al inglés, francés y portugués)

Presentación

Emilio Botín

Introducción

José A. Lasheras y Carmen de las Heras



Con la colaboración de:



© de esta edición: Grupo Santander

Diseño y producción: Turner

ISBN: 84-7506-658-5

Depósito Legal: M. 14.375-2004

ÍNDICE

Presentación <i>Emilio Botín</i>	9
---	---

El descubrimiento del primer Arte. Comentario sobre los <i>Breves apuntes...</i> de Marcelino Sanz de Sautuola <i>José A. Lasheras y Carmen de las Heras</i>	11
--	----

ENGLISH VERSION

Presentation <i>Emilio Botín</i>	41
---	----

The Discovery of Man's First Art. Commentary on the <i>Brief Notes...</i> by Marcelino Sanz de Sautuola <i>José A. Lasheras y Carmen de las Heras</i>	43
---	----

Brief Notes on some Prehistoric Artifacts from the Province of Santander <i>Marcelino Sanz de Sautuola</i>	67
--	----

VERSION EN FRANÇAIS

Présentación

Emilio Botín 97

Le découvert du premier Art. Commentaire
sur les *Notes brèves...* de Marcelino Sanz de Sautuola

José A. Lasheras y Carmen de las Heras 99

Notes brèves concernant certains objets préhistoriques
de la province de Santander

Marcelino Sanz de Sautuola 123

VERSÃO PORTUGUESE

Presentação

Emilio Botín 153

A descoberta da primeira arte. Observações
sobre os *Breves apontamentos...* de Marcelino Sanz de Sautuola

José A. Lasheras y Carmen de las Heras 155

Breves apontamentos sobre alguns objectos pré-históricos
da província de Santander

Marcelino Sanz de Sautuola 177

VERSÃO PORTUGUESE

Os “Breves apontamentos sobre alguns objectos pré-históricos da província de Santander”, de Marcelino Sanz de Sautuola, significaram uma grande mudança no estudo e conhecimento da Pré-história da Humanidade.

A descoberta em 1879 das pinturas conservadas na Sala de Policromos da Gruta de Altamira, hoje chamada a Capela Sistina do Paleolítico, não foi obra do acaso, mas sim do espírito investigador e da constância de um homem estudioso, dotado da intuição necessária para se adiantar ao seu tempo.

A obra, cujo fac-símile hoje oferecemos, foi objecto da grande polémica que nas páginas que se seguem comentam os especialistas José Antonio Lasheras e Carmen de las Heras. Tal como também aconteceu noutras iniciativas relevantes, o seu autor não chegou a ver em vida o reconhecimento daquele passo inovador. Mas a sua prudência e a generosidade com que ofereceu ao mundo as suas descobertas, foram finalmente recompensadas.

Esta edição é uma homenagem à sua memória.

EMILIO BOTÍN

A DESCOBERTA DA PRIMEIRA ARTE. OBSERVAÇÕES SOBRE OS
BREVES APONTAMENTOS... DE MARCELINO SANZ DE SAUTUOLA

José A. Lasheras e Carmen de las Heras *

Sautuola teve consciência da beleza, importância e transcendência do seu descobrimento, ocorrido há cento e vinte e cinco anos em Altamira. Investigando a mais remota Pré-história da sua região, encontrou umas figuras pintadas que identificou como a primeira grande obra descoberta das primeiras manifestações artísticas da humanidade, e fê-lo quando não se conhecia nenhuma pintura igual, nem sequer parecida, em todo o mundo. Identificou as espécies animais representadas na gruta, a sua técnica de realização, deduziu a sua cronologia precisa e deu a conhecer com absoluto rigor científico a existência da arte original por excelência, a mais antiga, a primeira Arte. Muito embora tivessem passado vinte anos até ser definitivamente reconhecido como tal, os seus *Breves apontamentos* são uma surpreendente jóia científica para a História da Pré-história, e Altamira é reconhecida em todo o mundo como uma obra-prima da História da Arte universal.

* Director e conservadora do Museu Nacional e Centro de Investigação de Altamira, respectivamente.

A DESCOBERTA DE UMA GRUTA EM ALTAMIRA

A Pré-história de Altamira terminou há treze mil anos. Nessa altura, por causas naturais, desabaram completamente os seis metros iniciais do luminoso vestíbulo. Este era o lugar usado para habitar pelos grupos humanos durante o Paleolítico. O desabamento de todos os estratos superiores tapou a grande boca (com cerca de catorze metros de largura e até três de altura) e a gruta ficou fechada. Pouco antes desse acontecimento, gentes de cultura magdalenense tinham lá vivido e realizado as últimas pinturas, talvez os pequenos bisontes desenhados a preto que aparecem entre os policromos, naquilo que agora denominamos o Grande Tecto. Desde esse longínquo momento, a gruta permaneceu numa escuridão absoluta; abriu-se então um longo parêntese de milénios sem presença humana no seu interior, até à sua fortuita localização na segunda metade do século XIX.

A descoberta das mais belas pinturas da Pré-história é extremamente atraente e é um marco do máximo relevo na sua história. Reúne, além disso, curiosas *nuances* de acaso e pequenas histórias que a tornam especialmente emocionante, mas também de método e força de vontade que, em conjunto com a sua repercussão científica e artística, lhe dão um interesse excepcional.

Sautuola era um homem com uma formação académica,

licenciado em Direito, cuja curiosidade científica o levou quer a estudar a história regional quer as ciências da natureza, e a coleccionar antiguidades, fósseis e minerais. Entre outras iniciativas que ilustram o seu pensamento divergente e a sua grande perspicácia, é de recordar que introduziu a cultura do eucalipto na Cantábria, propondo-o como recurso económico de interesse regional¹ e que foi vice-presidente da Comissão Provincial de Monumentos durante anos.

Por volta de 1870-1872, um lavrador chamado Modesto Cubillas encontrou uma greta através da qual se entrava na gruta. Numa carta que dirigiu ao rei Afonso XII em 1881, aproveitando a visita do rei à gruta, solicitava uma recompensa –«algum socorro», escreveu– para ele por ter sido quem a tinha encontrado e quem a tinha mostrado a Sautuola, que possuía uma casa antiga na aldeia de Puente San Miguel, perto da gruta. É de pensar que, conhecendo os seus interesses, Cubillas o informasse da sua existência, e que tenham sido os seus interesses naturalistas os que o tenham levado a visitar a gruta pela primeira vez em 1875. Nesta primeira ocasião percorreu-a completamente (mais de 270 metros), inclusive arrastando-se para conseguir passar para

¹ Manuscrito titulado «Apuntes sobre la aclimatación del *Eucalyptus globulus* en la provincia de Santander», em M. Sanz de Sautuola, *Escritos y documentos*, Santander, 1976, p. 55 e seg.

a galeria mais profunda: certamente, a sua curiosidade e interesse pela geologia eram intensos. Talvez por isso, nessa altura, quando quase no fim da gruta viu alguns desenhos pretos estranhos, não lhes prestou nenhuma atenção especial nem lhes concedeu importância.

Em 1878 Sautuola foi a Paris, à Exposição Universal. Visitou várias vezes o pavilhão dedicado à Antropologia, onde se expunham as colecções de objectos pré-históricos recentemente descobertos em França. Estimulado pela sua observação –«espicaçado pelo meu interesse nestes estudos e excitado (sic)... pela sua contemplação» [p. 3]*, nas suas próprias palavras– decidiu então investigar na sua região. Programou indagar em diferentes grutas e regressar novamente, para esse fim, à de Altamira, naquela que seria a sua segunda e definitiva visita ao longo –pensamos– de vários dias. Informou a este respeito a Academia da História, da qual era correspondente, muito embora não tivesse citado nas suas cartas nada das pinturas, talvez porque ainda não as tinha descoberto quando as escrevia, ou, o mais provável, por discrição e prudência à espera de analisar, avaliar adequadamente e alcançar conclusões precisas sobre o que tinha encontrado.

* As páginas referenciadas entre aspas correspondem ao fac-símile original dos *Breves apontamentos...*

O aspecto anedótico e fortuito da descoberta está marcado pela participação da filha de Sautuola, Maria, que, sendo criança, acompanhou o pai na gruta. Foi ela quem viu primeiro as pinturas: «Papá, bois!», foram as suas palavras, segundo contava sendo já crescida. Trata-se de um pormenor simpático mas sem nenhuma transcendência que, nalgumas menções bibliográficas e devido à sua reiteração, trivializa o mérito do verdadeiro descobrimento científico que corresponde apenas a Sautuola e aos *Breves apontamentos*.

NO NASCIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA

Em meados do século XIX começou a desenvolver-se na Europa o estudo sobre o passado mais remoto do homem, tomando como base o método e os descobrimentos que a Geologia e a Paleontologia estavam a proporcionar. Esta nova corrente de estudo, denominada «naturalista», foi-se impondo progressivamente a um certo modelo «erudito» hegemónico até esse momento. A tradição erudita fazia assumir que a origem do universo tinha sido tal como se descrevia no livro do Génesis, e tendo Deus criado o homem no seu estado pleno de perfeição e domínio. Os pensadores adeptos a esta crença foram denominados «criacionistas»; para eles, os relatos do Antigo Testamento e os acontecimentos dos chamados «quatro impérios» (Assíria, Pérsia, Grécia e Roma)

constituíam o passado mais longínquo da humanidade, para cujo estudo eram suficientes a Bíblia, a História Antiga e as línguas clássicas. Pelo contrário, isto começava a ser questionado por certos descobrimentos que se tinham vindo a produzir desde o século XVIII. A partir da Geologia e da Paleontologia surgia um novo «gênesis», baseado na razão e não nas crenças, alheio ao Paraíso e proveniente do Reino mineral e animal.

Esta nova reflexão sobre a origem do homem intensificou-se a partir de 1809, quando se publicou a obra do biólogo Jean Baptiste Lamarck *Zoological Philosophy*, na qual enunciava os princípios do «transformismo», com os que abordava a evolução dos seres vivos. Esta mudança na atenção e atitude dos cientistas aumentou com a publicação de dois trabalhos fundamentais: *Principles of Geology*, de Charles Lyell em 1833, e a obra de Jacques Boucher de Perthes *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes* em 1847, referências obrigatórias no que respeita aos inícios da Pré-história. Expunha Boucher de Perthes a descoberta de instrumentos de pedra realizados por humanos e associados a restos de animais extinguidos, e tudo isso, em estratos naturais, geológicos, muito antigos, o que demonstrava uma antiguidade do homem muito maior daquela que se considerava evidente a partir do relato bíblico do Génesis (apesar das evidências, esta discussão foi prolongada por alguns integristas até bem

entrado o século xx). Pouco depois, em 1859, Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies*², onde explicava os princípios que regiam a evolução das espécies e os mecanismos que a tornam possível, fundamentalmente o da selecção natural. O aparecimento nesse mesmo ano de uma nova obra de Lyell intitulada *Geological Evidences of the Antiquity of Man* veio fundamentar irrefutavelmente as teses de Boucher de Perthes e de Darwin, no que se referia ao longo caminho percorrido pela humanidade. Em 1867, a Pré-história expôs-se de maneira destacada no recentemente inaugurado Musée des Antiquités Nationales de Saint-Germain-en-Laye, e também na grande Exposição Universal de Paris, tendo-se realizado um Congresso ao qual assistiram alguns dos primeiros pré-historiadores espanhóis, como Juan de Vilanova³, numa abertura da ciência espanhola às novidades na Europa (algo mais desejável que frequente). Um ano mais tarde, John Lubbock, na sua obra *Prehistoric Times*, definiu os termos «Paleolítico» e «Neolítico» que foram rapidamente admitidos pelos pré-historiadores. Em 1871, Darwin publica

² *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life.*

³ Primeiro catedrático de Geologia y Paleontologia da Universidade espanhola. Tinha publicado em 1872 a sua obra *Origen, Naturaleza y Antigüedad del hombre*, e a ele iria recorrer Sautuola para pedir informação com a qual contrastar o seu descobrimento.

*A Origem do Homem*⁴, na qual tomava em consideração os dados da arqueologia pré-histórica e, em 1872, Gabriel de Mortillet estabelece a sucessão dos vários períodos diferentes do Paleolítico. Em resumo, podemos considerar que a Pré-história teve o seu período formativo como ciência independente da Geologia e da Paleontologia na Europa durante a segunda metade do século XIX.

¿E EM ESPANHA?

Apesar do considerável desenvolvimento que o estudo da Pré-história tinha registado no estrangeiro, em Espanha esta disciplina continuava a ser uma grande desconhecida. Contudo, era verdade que a situação de atraso económico e social e a instabilidade política do nosso país não favorecia o avanço das ciências.

A restauração da monarquia em 1875 significou que a Igreja manteve e ainda aumentou o seu poder e a sua capacidade de influência na sociedade e em todas as instituições públicas. Reavivou-se então um dos conflitos que ensombravam a sociedade espanhola, aquele que defrontava os clericais e os anti-clericais. Entre os primeiros encontravam-se sectores muito

⁴ *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex.*

conservadores –católicos e espanholistas ferrenhos– que ignoravam ou rejeitavam as realizações culturais e sociais adquiridas na Europa a partir da Revolução Francesa. Por outro lado, os sectores anti-clericais eram constituídos por burgueses liberais, progressistas, federalistas e republicanos, todos eles partidários de uma secularização da sociedade. Uma das concessões mais significativas ao clericalismo realizou-se no âmbito docente e foi provocada pelo ministro do Fomento, o marquês de Orovio, em 1875. É conhecida como a «Segunda Questão Universitária», quando se proibiu o ensino de postulados que contradissem as normas da Igreja e o dogma católico. Vários catedráticos demitiram-se e outros foram cessados na Universidade. Alguns deles, com Francisco Giner de los Ríos à cabeça, criaram, em 1876, a Instituição Livre de Ensino, baseada na liberdade de pensamento, no interesse pela Ciência e na didáctica laica e inovadora.

O conflito entre religião e ciência no âmbito educativo foi duro e demorou anos até ficar resolvido. Assim, por exemplo, em 1892, no III Congresso Católico Nacional Espanhol celebrado em Sevilha, pediu-se a criação de uma cátedra «conagrada exclusivamente ao ensino da verdadeira Pré-história católica», e recomendou-se a todos os escritores católicos que tratassem o tema, que declarassem ao princípio das suas obras a sua fé e que proclamassem ser contrários «a qualquer panteísmo evolucionista e transformista, e evitassem o

uso de palavras que se prestassem a confundi-los com esta escola».

Do anterior deduz-se que a situação geral existente na Espanha de 1880 não permitia alardes científicos no que se refere à origem do homem e à Pré-história. Neste contexto, a descoberta das pinturas de Altamira e a sua atribuição à época paleolítica –palavra além disso pouco frequente ainda nas publicações espanholas– significava um atentado contra dois pilares da estrutura social: a Igreja, de um lado, e as tradicionalistas Academias e demais instituições científicas do país, do outro. Como se isso não bastasse, o reconhecimento da capacidade artística do homem primitivo parecia ir contra os princípios expressados pelos cientistas evolucionistas, que consideravam difícil atribuir à humanidade paleolítica –«ante-diluviana» ou da «Idade da Rena» como também era chamada– essa capacidade e desenvolvimento intelectual; esta dificuldade para encaixar os princípios da evolução com as escassas evidências paleolíticas conhecidas na época compreende-se bem se considerarmos que nessa altura faltavam todos os dados –agora conhecidos– da evolução do género *Homo* desde o seu aparecimento há dois milhões e meio de anos na África. Estas circunstâncias e considerações propiciaram a polémica e o posterior esquecimento ao qual ficou submetida a gruta de Altamira até ao século XX, quando foram estudadas outras grutas com arte paleolítica em Fran-

ça. É curioso que na sua negação convergissem correntes de pensamento dispares que, no dia a dia, não conseguiam chegar a um acordo: clericais e anti-clericais, criacionistas e evolucionistas, todos tinham algo a dizer a esse respeito em defesa própria e em ataque ao contrário. Contra aquilo que era de esperar, o apoio de maior prestígio científico que teve a tese de Sautuola sobre a antiguidade das figuras da gruta de Altamira foi o de um criacionista e católico convencido: Juan de Vilanova, que tentava conjugar o relato bíblico com os dados da ciência pré-histórica, e de o fazer sem uma atitude beligerante ou radical. Talvez para Vilanova, a perfeição das pinturas era a demonstração de que a humanidade, desde a sua mais remota origem ou criação, possuía todos os seus dotes intelectuais, mas o que é certo é que não consta que argumentasse isso explicitamente a partir de Altamira e, para além disso, Sautuola rejeitou explicitamente entrar nesse debate em seu nome e no de Vilanova⁵: não era essa a questão de Altamira e das suas pinturas.

Esboçou-se o contexto no qual se produziu a descoberta da arte paleolítica. Recordá-la, muito embora de um modo sucinto, é muito importante para avaliar adequadamente o rigor e o mérito científicos dos *Breves apontamentos* e do seu autor.

⁵ Texto publicado por M. Sanz de Sautuola no jornal *El Eco de la Montaña*, Santander, 7 de Outubro de 1880.

O GRANDE DESCOBRIMENTO CIENTÍFICO

Em 1879 Sautuola procurava o Paleolítico no lugar onde ele podia estar: nas grutas, no solo e no subsolo [p. 3]. Regressou à de Altamira e, com rigor e precisão, descreveu tudo o que era substancial. Entre a descoberta casual de uma gruta com pinturas e o descobrimento científico da grande Arte Paleolítica das cavernas está a análise racional e a sua modelar publicação.

Sautuola reconheceu a morfologia e acessibilidade diferente da gruta durante a Pré-história e no momento actual [p. 11]; situado dentro, descreveu-a por secções, tomando nota dos seus tamanhos e características principais, e fê-lo do exterior para o interior, ao contrário dos geólogos, criando o modelo seguido a partir desse momento. Mais do que escavar, teve que remover a superfície da área vestibular, onde encontrou restos da fauna que serviu de alimento aos seus moradores (ossos de grandes herbívoros, conchas que cataloga acertadamente como *Patella*) e instrumentos de pedra e osso (pontas de zagaia de sílex e osso, agulhas, pendentes,...), mas assinalando a ausência de cerâmica [dado que reitera na p. 15]. Comparou alguns daqueles objectos com os que «hoje em dia ainda usam algumas tribos muito atrasadas no caminho da civilização» [p. 13]. Trata-se de uma sofisticada e precisa definição daqueles que habitual-

mente eram chamados e classificados pejorativamente como «selvagens», porque pertenciam a culturas não urbanas nem industriais, termo que hoje em dia se considera uma desclassificação moral inaceitável.

Inicia de seguida a descrição das pinturas e desenhos de toda a gruta, do exterior para o interior, ressaltando especialmente as que se encontravam no grande tecto da primeira sala: as pinturas policromas. A partir da *Histoire naturelle, générale et particulière* do Conde De Buffón, identificou com o bisonte europeu, praticamente extinto, a espécie animal representada [p. 15]; anotou o número de figuras; e as medidas das mais destacadas, e a diversidade das posturas. Abordava a seguir a análise da técnica artística: «o seu autor tinha muita prática em as fazer [...] cada linha se realizava com um traço» [p. 16]; a dificuldade da sua execução; a possível incidência da luz natural considerando a morfologia original da gruta –algo muito importante e que foi tomado em consideração quando se realizou a reprodução fac-símile da gruta no Museu de Altamira– e o uso necessário de iluminação artificial; o aproveitamento dos relevos naturais da rocha para construir as figuras, que neste momento é uma linha de investigação na interpretação da arte paleolítica, para concluir que «o seu autor não carecia de instinto artístico» [p. 17].

Esta última afirmação é muito provável se tomarmos em consideração as características formais da plástica dominante

na época em que isto se escreve. Um certo academicismo caduco, o realismo (social ou de tema histórico) ou o virtuosismo de Mariano Fortuny não facilitavam essa afirmação, que só se pode explicar pela abertura intelectual, a cultura e a falta de preconceitos de Sautuola. Também é preciso ter em consideração que a exposição dos impressionistas de Paris tinha tido lugar pouco tempo antes, em 1874, ou que Auguste Rodin não alcançaria a sua grande notoriedade até 1880. Compare-se com a afirmação do especialista e director da Calcografia Nacional E. Lemus y Olmo. Este, na polémica que se seguiu à publicação dos *Breves apontamentos* afirmou que as figuras eram «a obra de um discípulo médio da arte moderna que não sabe fingir nem conhece o pré-histórico: parece que o quiseram simular e [...] que se valeram do menos apto para isso»⁶.

Na avaliação final, Sautuola anota a descoberta de ocre vermelho no jazigo arqueológico, relacionando-o com a execução das pinturas [p. 21]. Comparava-as com os pequenos objectos gravados e esculpidos com figuras de animais da arte móvel, com os que tinha visto pessoalmente em França e com os já conhecidos e publicados nas obras de Lubbock e Vilanova⁷, fazendo a seguinte reflexão: «não será arriscado

⁶ M. Sanz de Sautuola, *Escritos y documentos*, Santander, 1976, p. 193.

⁷ J. Lubbock, *L'Homme Préhistorique*, Paris, 1876, e a obra de J. Vilanova, já referida.

admitir que se naquela época se faziam reproduções tão perfeitas, gravando-as sobre corpos duros, não existe nenhuma razão fundada para negar que as pinturas de que se trata tenham também uma proveniência tão antiga» [p. 22]. O grande descobrimento de Sautuola reside na sua conclusão, fundamentada no conhecimento científico através da bibliografia e na análise metódica do observado, de que as pinturas pertenciam «sem qualquer tipo de dúvida à época denominada com o nome de paleolítica», usando um termo específico recentemente implantado (não é por acaso que anotou a ausência de cerâmicas, já referida).

Sautuola também se preocupou pela conservação das pinturas «adoptando as medidas oportunas» [p. 24]: instalou da sua conta uma porta, com chave, na gruta, e pediu à Câmara Municipal de Santillana del Mar a sua custódia com os seus meios e pessoal, coisa que fez até à criação da Comissão de Administração e Exploração da Gruta de Altamira, que agora consideramos antecedente do actual Museu Nacional e Centro de Investigação de Altamira e do seu Patronato.

UMA LONGA POLÉMICA

O facto de que publicasse, em simultâneo, no mesmo folheto, outras grutas investigadas por ele, indica que certamente teve perfeita consciência da transcendência que

Altamira iria ter, e das dificuldades que haveria para a sua aceitação e reconhecimento geral. Ali havia perto de trinta grandes figuras policromas, alguma em tamanho natural, e muitos outros desenhos pertencentes à primeira humanidade. Altamira não era um facto isolado: a presença humana na Cantábrica, desde o Paleolítico, documentava-se em várias grutas, pela primeira vez, graças ao seu tenaz interesse.

Foi ao geólogo Juan Vilanova y Piera, catedrático da Universidade de Madrid, a quem Sautuola pediu aconselhamento, e que assumiu apresentar, com diferente intensidade e nulo sucesso, a descoberta em congressos de Pré-história em Portugal, na Alemanha, França e Espanha, e em diversas conferências e reuniões científicas em Espanha, mas a surpreendente entrega científica foi rejeitada.

A polémica mais dura, irracional e com matizes de rancor pessoal, foi a que manteve o erudito regional Ángel de los Ríos na imprensa cântabra. A sua postura radical constitui o reflexo do espírito conservador de certo tipo de «sábios» que, como ele, integravam a erudição e as crenças religiosas. Esta polémica adubou o campo da maledicência e os rumores de falsificação ensombraram o descobrimento. Responsabilizava-se do facto a um pintor mudo de nacionalidade francesa chamado Paul Ratier, a quem Sautuola tinha encomendado realizar uma cópia das pinturas [exposta agora no Museu de

Altamira, e talvez modelo para a Lâmina 3] e que frequentou, portanto, a gruta.

Fora da Cantábria, um relatório elaborado por membros da prestigiada Instituição Livre de Ensino seria novamente negativo ao carácter pré-histórico da arte de Altamira. Incapazes de conjugar a sua condição de evolucionistas com a qualidade conceptual e técnica e com a antiguidade atribuída por Sautuola, concluíram que as pinturas tinham sido realizadas por soldados romanos refugiados no interior da gruta durante as guerras cântabras (29-19 a.C.)⁸. Os debates na Sociedade Espanhola de História Natural também concluíram negando a sua antiguidade (já referimos a decisiva intervenção de E. Lemus).

Em França, onde se concentravam os mais prestigiados pré-historiadores, a reacção perante o descobrimento e o folheto que o transmitia oscilou entre a prudência e o desprezo. Por que é que isto sucedeu? Tudo pareceu excessivo: a antiguidade, as magnitudes, o estado de conservação e a qualidade artística daquelas pinturas. Sucedeu demasiado cedo, não estava previsto. Só Sautuola e Vilanova em Espanha e o francês H. Martin (numa carta dirigida a Sautuola⁹, mas nunca publicamente)

⁸ M. Sanz de Sautuola, *Escritos y documentos*, Santander, 1976, p. 258 e seg.

⁹ M. Sanz de Sautuola, *Escritos y documentos*, Santander, 1976, p. 48.

foram capazes de admitir umas pinturas paleolíticas, as de Altamira, muitos anos antes de que se viessem a conhecer outras semelhantes.

Emile Cartailhac (o mais eminente pré-historiador da época) enviou o paleontólogo E. Harlé para realizar um parecer sobre as pinturas. Este último, após uma minuciosa análise, concluiu que, se bem que o jazigo arqueológico correspondia sem dúvida ao Paleolítico, as pinturas eram de realização moderna¹⁰. A partir daí omitiu-se nas publicações científicas qualquer referência às pinturas de Altamira. O tema estava encerrado e, em consequência, a obra-prima da primeira Arte foi condenada ao ostracismo durante mais de vinte anos.

O RECONHECIMENTO DE ALTAMIRA E DE SAUTUOLA

A descoberta e publicação de várias grutas com arte no sul da França, como as de La Mouthe (1895), Pair-non-Pair (1896) e, posteriormente, Les Combarelles e Font-de-Gaume (1901), cuja arte era já notável, acabava com qualquer margem razoável de dúvida. Em 1902, Cartailhac foi obrigado a publicar

¹⁰ E. Harlé, «La grotte d'Altamira, près de Santander, Espagne», em *Materiaux pour l'Histoire Naturelle et Primitive de l'Homme*, XVI, 1881, p. 82 e seg.

–com alguma humildade– um artigo intitulado «Les cavernes ornées de dessins, La grotte d'Altamira (Espagne). *Mea culpa* d'un sceptique». Nele reconhecia ter participado «num erro, cometido há vinte anos, numa injustiça que é preciso reconhecer e reparar publicamente [...]. É necessário inclinar-se perante a realidade e, em relação a mim, devo fazer justiça a M. de Sautuola¹¹». Mas o que é certo é que este reconhecimento não lhe chegou: tinha morrido em 1888. Naquele ano de 1902, Cartailhac e o jovem Abade Breuil visitavam pela primeira vez a caverna e apresentavam-se a Maria Sanz de Sautuola, que, sendo criança, tinha sido a primeira a ver as figuras policromas. A eles se deve a primeira grande monografia dedicada à Arte paleolítica, a dedicada a Altamira e publicada com o patrocínio do príncipe Alberto I do Mónaco¹².

Sautuola foi, durante anos, a única pessoa que não pôs em dúvida, que tinha a certeza de que aquelas pinturas pertenciam ao Paleolítico, àquilo que então eram os inícios da humanidade. As reacções contrárias não devem tê-lo surpreendido; o que o incomodou foi a desclassificação, que não era

¹¹ «Les cavernes ornées de dessins. La grotte d'Altamira, Espagne. *Mea culpa* d'un sceptique», em *L'Anthropologie*, t. XIII, Paris, 1902, p. 348 e seg. Citação textual na p. 352.

¹² E. Cartailhac e H. Breuil, *La Caverne D'Altamira a Santillane près Santander*, Mónaco, 1906.

uma crítica fundamentada, na imprensa local que já referimos. O facto de ele intuir essas reacções de cepticismo e rejeição talvez explique a modéstia formal e insistente com a qual recheia os *Breves apontamentos*: «Tomei a decisão de realizar algumas investigações nesta província, que já que não tiveram valor científico, devido a que foram realizadas por um mero amador, desprovido dos conhecimentos necessários» [p. 3]; «Deixe-se assim, para outras pessoas mais ilustradas, a realização de um estudo meticoloso sobre os dados que superficialmente deixo referidos» [p. 24].

Face a essa cortês e desnecessária modéstia, a exposição de um método analítico e rigoroso perante a descoberta, a sua documentação bibliográfica e o seu saber onde procurar a informação necessária, permitiram que transformasse uma descoberta fortuita num descobrimento científico de primeira ordem, e de o situar por cima de polémicas que se revelaram estéreis com os seus compatriotas e com os representantes do saber académico. Talvez compreendesse as dúvidas e a prudência dos cientistas franceses e espanhóis perante o descobrimento, mas com certeza que ficou surpreendido e inclusive decepcionado com a desconfiança, a ligeireza e a certa dose de soberbia com que reagiram.

Muito embora a partir daí Altamira ocupe o lugar que lhe corresponde na História da Arte e na Pré-história, não pode dizer-se o mesmo do seu descobridor, Marcelino Sanz de

Sautuola. Nos primeiros trabalhos sobre Arte paleolítica tende-se a menosprezar o seu mérito –deduzir cientificamente que as pinturas de Altamira eram paleolíticas, e publicá-lo– e a sua coragem. Com certa inércia arrastada a partir dos livros de Cartailhac e de Breuil, dilui-se a contribuição de Sautuola, referindo que em França se conheciam outras grutas com pinturas e gravuras que nem se publicam nem se classificam como paleolíticas até quinze anos depois de Sanz de Sautuola o fazer; ou destacando os erros de J. Vilanova na defesa da tese do seu colega espanhol; ou a modéstia formal dos *Breves apontamentos...*, que não ié tal, porque têm a qualidade habitual nessa época e, tanto pelo seu formato como pelas suas ilustrações, estão de acordo com numerosas revistas e publicações científicas ou técnicas coetâneas... Esta injusta e –sobretudo– inexacta avaliação perdura ainda incompreensivelmente nalguma obra recente, onde se nega que Sautuola atribuísse a sua importante descoberta ao Paleolítico¹³. As razões objectivas que explicam esta circunstância historiográfica podem ser a difusão insuficiente e, principalmente, a leitura pouco aten-

¹³ Consulte-se, por exemplo: A. Leroy-Gourham, *Préhistoire de l'art occidental*, Paris, 1965, p. 30; Breuil, *Quatre cents siècles d'Art pariétal*, Paris, 1974, p. 15, e M. Groenen, *Pour une histoire de la Préhistoire*, Grenoble, 1994, p. 318.

ta ou tendenciosa dos *Breves apontamentos*, algo que esta nova edição contribuirá para compensar.

* * *

Altamira modificou profundamente a visão que se tinha da humanidade pré-histórica. O reconhecimento da sua grande Arte, da arte paleolítica, contribuiu decisivamente para elevar o estudo arqueológico dos objectos ao estudo da cultura dos grupos humanos que os produziram. Os *Breves apontamentos* de Marcelino Sanz de Sautuola são um bem precioso para um bibliófilo e um marco na historiografia da Arte e da Pré-história, e Altamira é um ícone da cultural universal.

Nota bibliográfica

Para ampliar a informação sobre Altamira, remetemos à obra de José Antonio Lasheras (ed.): *Redescubrir Altamira*, Turner, Madrid, 2003.

BREVES APONTAMENTOS
SOBRE
ALGUNS OBJECTOS PRÉ-HISTÓRICOS
DA
PROVÍNCIA DE SANTANDER

por

MARCELINO S. DE SAUTUOLA

Membro da Real Academia da História

SANTANDER, 1880

Imp. e lit. de Telesforo Martínez

BLANCA, 40

As páginas à margem correspondem à página dos *Breves apontamentos*...

OBJECTOS PRÉ-HISTÓRICOS DA PROVÍNCIA DE SANTANDER

Suspeitando que nesta província pudessem existir alguns objectos provenientes das épocas pré-históricas, e a pesar de não ter nenhum antecedente conhecido, de acordo com os relatórios que tenho estado a adquirir, espicaçado pelo meu interesse por estes estudos e excitado principalmente pelas numerosas e estranhíssimas colecções de objectos pré-históricos que tive o gosto de contemplar várias vezes durante a Exposição Universal de Paris em 1878, tomei a decisão de realizar algumas investigações nesta província, que já que não tiveram valor científico, devido a que foram realizadas por um mero amador, desprovido dos conhecimentos necessários, muito embora não de força de vontade, serviram pelo menos de primeira notícia e de ponto de partida, para que pessoas mais competentes tentem decifrar o espesso véu que nos oculta ainda a origem e os costumes dos primitivos habitantes destas montanhas.

Guiado por este propósito, iniciei as minhas investigações ao acaso e, muito sinceramente, não posso queixar-me do resultado.

p. 4

Tendo conhecimento que na Câmara Municipal de Camargo, que se encontra a seis ou oito quilómetros desta cidade de Santander, existiam algumas grutas, dirigi-me imediatamente para lá, com a sorte de que na primeira onde se tinham efectuado escavações, deparei com tudo o que podia desejar.

A gruta à qual me refiro está situada nas terras da aldeia de Revilla, na encosta S., e a cerca de dois terços de altura de uma eminência pouco elevada, com uma subida muito pronunciada, e com umas dimensões relativamente pequenas: de N. a S., mede cerca de sete metros e meio, de leste a oeste um pouco mais de cinco metros e praticamente o mesmo na sua entrada; e de altura, cerca de quatro a cinco metros. O interior não apresentava nada de particular ao observador, nem cristalizações calcárias; alguns sítios nos lados apresentavam sinais escuros, como se se tivesse feito uma fogueira numa época não demasiado longínqua, e pelo chão notavam-se cinzas recentes e palha.

Apesar dos meus esforços para indagar pelos vizinhos imediatos se tinham notícias de que alguma vez se tivesse encontrado ali alguma pedra com uma forma especial ou algum osso, o único que obtive foram respostas negativas; apesar disso, disposto a averiguar por mim próprio o que encerrava a gruta em causa, dei ordens para iniciar a escavação, ficando surpreendido quando, ao chegar a cerca de 30 centíme-

tros, apareceram alguns sílex talhados, misturados com ossos, cuja descoberta me levou a albergar esperanças positivas que, no decurso dos acontecimentos, foram recompensadas.

Continuando a escavação durante vários dias e registando minuciosamente os escombros, consegui reunir algumas centenas de objectos, entre os quais se encontram utensílios de pedra com formas muito diversas, abundantes pedaços de cristal de rocha, dentes e molares de vários tipos de animais, um grande número de ossos, muitos deles partidos longitudinalmente como para retirar, de acordo com a opinião admitida, a medula que servia de alimento ao homem naquela época, bastantes conchas marinhas do género *patella*, muito maiores do que as que hoje em dia se vêem nesta costa, algum exemplar de ostras, dois pedaços de tijolo e telha, e algumas, poucas, vasilhas de barro.

p. 5

Entre os objectos de pedra, formados por uma variedade infinita de rochas, que na sua maioria não são desta Província, encontra-se um enorme número, muito difícil de classificar, porque normalmente se trata de peças partidas ou núcleos dos quais se retiraram os que estavam em melhor estado; aqueles que são mais dignos de chamar a atenção são os seguintes :

1.º Um grande número em forma de faca, que, quase sem excepção, apresentam numa das faces um único plano, tendo

na oposta, que parece ser a superior, dois ou três cortes ou planos diferentes, outros têm quatro e alguns, embora muito poucos, apresentam até seis, sendo notáveis vários exemplares devido à forma curva muito pronunciada que apresenta uma das extremidades (consultem-se os números 1, 2, 3, 7, 8 e 12 da lâmina nº 1, nos quais o número 2 mede treze centímetros de comprimento).

p. 6

2.º Vários punções mais ou menos compridos, alguns muito aguçados (números 4, 9 e 10).

3.º Outras formas ligeiramente diferentes que poderiam servir como pontas de flechas, entre as quais se vêem algumas que poderiam ser confundidas com facas; mas eu inclino-me pela primeira possibilidade, porque a sua ponta inferior se distingue daquelas (números 11, 13, 14, 15, 16 e 17).

4.º Outro (número 6) muito diferente de todos os anteriores, com a face inferior, num único plano e não côncavo como as facas, apresentando na face superior três planos cortados, com a ponta partida, e penso que poderá ter servido como lança, apesar de não ser muito grosso.

5.º Por último, e para não tornar esta lista ainda mais extensa, citarei outro (número 5), o único que foi encontrado com esta forma, que, pelos dentes que apresenta num dos lados, poderá ter servido de serra, muito embora de um modo imperfeito, e devido à sua ponta aguçada poderá ter servido

de arma de ataque e de defesa, colocado numa estaca de madeira ¹.

Também foram descobertos em abundância, misturados com os objectos referidos, dentes e molares de vários tamanhos (números 19 a 22) provenientes de diversas espécies de animais, entre as quais aparecem em profusão os do *equus primigenius* e do veado².

p. 7

Entre os ossos descobertos, como já foi dito, um grande número estão partidos no sentido do comprimento; outros pedaços estão pretos devido ao fogo; outros apresentam sinais evidentes de terem sido talhados; outros, em forma de ponta, poderiam ter servido de flechas; também existem longos e pontiagudos, e outro, um exemplar único, com um melhor acabamento (número 18), realizado segundo parece sobre uma estaca. Todas as figuras representadas na primeira lâmina estão em tamanho natural, excepto as dos números 1 e 2, que representam os dois terços do original, e que para além disso estão vistas de lado.

¹ O ilustre Sr. Juan Vilanova, na sua curiosa obra sobre a origem do homem, página 387, faz uma descrição minuciosa dos objectos de pedra encontrados em Argecilla, uma lista, que na sua maior parte, se poderia aplicar às descobertas na gruta referida, a de Camargo.

² Também se encontram alguns que, à primeira vista, parecem os incisivos referidos pelo Sr. Casiano Prado na sua ilustre Memória sobre a província de Madrid (página 152) como pertencentes ao *Auchitherium aurelianense* (Covicx), mas comparados de perto, observam-se algumas diferenças.

Convém referir que, tal como acontece noutros países, também não se encontrou nesta gruta nenhum crânio inteiro de animais, mas, pelo contrário, foram descobertas bastantes mandíbulas com os seus dentes e molares.

p. 8

Entre os pedaços de tijolo, telhas e vasilhas que apareceram misturados com os utensílios de pedra e osso, encontraram-se quatro jazigos destes últimos que, devido ao seu aspecto enegrecido, poderiam pertencer a uma época longínqua, ao contrário do outro jazigo, de telha e tijolo que, devido ao lugar que ocupavam, poderiam ser considerados contemporâneos dos objectos que os acompanhavam; não apresentam aparentemente nenhum indício de antiguidade, sendo isso incompreensível porque que estavam cobertos por uma camada de mais de sessenta centímetros de terra; talvez se pudesse alegar que estes objectos deixados à superfície, se tenham introduzido pouco a pouco na terra devido ao seu peso, quer por causa de um amolecimento da superfície numa determinada época em consequência da humidade, ou também devido às escavações que possam ter feito determinados animais carnívoros à procura dos ossos aí depositados; mas longe de haver indícios que possam autorizar alguma dessas hipóteses, encontrou-se a superfície tão compacta e resistente que, apesar de ser formada por terra argilosa, foi necessária a utilização de picaretas, tendo-se as enxadas revelado quase completamente inúteis. Esta camada, que

ocuparia cerca de trinta a quarenta centímetros, continha na sua parte inferior um grande número de objectos de pedra e ossos, mas onde foi encontrada a maior parte, bem como as vasilhas de barro, foi na camada seguinte, constituída por terra muito mais solta e escura, com indícios veementes de cinzas.

Depois de todo o anterior, é de perguntar: a gruta de que se trata, serviu de habitação ao homem nalguma época, ou tratava-se de uma verdadeira oficina para fabricar utensílios de pedra? É difícil, certamente, dar uma resposta categórica, mas na minha modesta opinião, existem razões de peso para poder apreciar, com prudência, o destino que numa época remota possa ter tido esta gruta.

p. 9

Parece-me provável que ela não se destinava à habitação, porque para além das suas pequenas dimensões, a sua disposição especial fazia com que pudesse ser mal defendida dos ataques que naquele tempo os homens com certeza sofriam por parte dos animais carnívoros; a sua entrada é praticamente tão larga e alta como o resto da gruta, e portanto, difícil de defender dos ataques exteriores, tendo para além disso, de um lado, à esquerda conforme se entra, uma outra abertura ligeiramente mais pequena que a entrada principal.

Contra esta ideia poder-se-ia alegar o grande número de ossos que lá se encontram e que parece que seriam restos de comida; mas estes últimos poderiam igualmente indicar que

existiu um quarto ou que, mais provavelmente, o que lá havia era uma verdadeira oficina. Estariam a favor desta opinião, de um lado, as centenas de pedras talhadas que se encontraram, das quais um grande número aparecem partidas, e outras muitas sem formas, ou sem a talha concluída, e de outro, a disposição especial da gruta, porque precisamente as circunstâncias indicadas que a tornavam imprópria para a habitação, tornavam-na apta para o seu uso como oficina, devido a sua exposição a Sul e com uma entrada tão alta como toda ela, oferecendo, portanto, um lugar com a clareza desejável para o trabalho.

p. 10

Estou ciente de que se estes breves apontamentos forem lidos por pessoas alheias aos estudos pré-históricos, elas irão talvez dizer que tudo o que aqui refiro são utopias; no entanto, se a minha intenção fosse gabar-me de uma erudição inoportuna, não seria difícil para mim escrever uma longa dissertação sobre aqueles estados, infelizmente muito pouco conhecidos no nosso país, e alegar alguns dados e textos dos muitos que contêm as obras escritas sobre a matéria pelo sábio geólogo Sr. Juan Vilanova, por John Lubbock, Boucher de Perthes e vários outros, que conseguiram elevar o conhecimento destes estudos a uma altura que, com certeza, ninguém tivesse podido prever há trinta anos, demonstrando até à evidência que as descobertas que se vão repetindo em todos os países são tão numerosas, em condições muito simi-

lares, que já deixaram de ser matéria de discussão, admitindo-se como um facto certo, que os primeiros utensílios utilizados pelo homem eram feitos de pedra e osso, e que as grutas formadas pela natureza lhe serviram de primeira habitação.

Passo agora a ocupar-me de outra gruta muito mais notável, na minha opinião, devido às circunstâncias que a envolvem, e que parece digna do mais esmerado estudo. Encontra-se situada na serra comum, num sítio chamado de Juan Mortero, distrito de Vispieres, Câmara Municipal de Santillana de la Mar (recentemente foi denominada de Altamira, tomando este nome de um prado próximo que se chama assim); a sua entrada está exposta ao N., e está tão coberta de mato, que antes de ser visitada com tanta frequência como agora, era difícil reconhecê-la. De acordo com as informações colhidas do sujeito que trabalha este terreno, até há oito ou dez anos, quando por causa do derrubamento de uma pedra, a entrada se alargou, a sua existência era desconhecida. A sua descida é incómoda, mas não difícil, devido às pedras que devem ter caído; e observando a sua parte interior, suspeita-se que antes ela estava bastante mais baixa, sendo acessível através de um desnivelamento do terreno, entrando-se nela num plano quase horizontal. Estando dentro, o visitante encontra uma galeria que se estende para S. – S.E. e que denominaremos como principal, que mede trin-

ta e oito metros de comprimento e nove a treze de largura, sendo a altura variável entre dois metros a trinta centímetros no fundo. À direita, entrando, existe outra galeria bastante comprida, que designaremos como a número dois, e que se dirige para S. O.; a partir daí, passa-se a outra, a número três, com uma extensão maior e mais alta nalguns sítios, chegando aos dez metros; a partir daí baixa-se a outra gruta de dimensões regulares, a número quatro, que se encontra a cerca de quatro metros, mais baixa que a anterior; da número três, voltando para o N., encontra-se uma nascente que mana do tecto e que desaparece pelo chão; e um pouco mais à frente, à esquerda, existe um poço, que parece ser natural, aberto nas rochas, e que mede cerca de quatro metros até ao nível da água que contém; o visitante penetra na quinta e última galeria. Descreverei separadamente cada uma delas.

p. 12

A galeria principal apresenta, na própria entrada, um conjunto de pedras e lajes caídas da abóbada, e que em grande parte ainda não tinham caído quando visitei a gruta pela primeira vez há quatro anos. Imediatamente ao lado destas pedras começa um banco ou capa com mais de um metro de espessura nalguns sítios, formada por um grande número de conchas do género *patella* (ver os números 1 e 1 da lâmina número 2), caracóis marinhos, ossos de milhares de tamanhos, dentes e molares de vários animais diferentes, como os

encontrados na referida gruta de Camargo, uma grande variedade de chifres, muitas pedras de rio partidas, bastantes pedaços de cristal de rocha e alguns utensílios de pedra talhados, tudo misturado com terra preta que parece cinza. Entre os ossos encontram-se vários talhados e trabalhados, alguns com riscos realizados artificialmente, que também se podem ver sobre alguns chifres (ver os números 2 a 13, lâmina número 2). Convém referir especialmente os números 8 e 10, dos quais o primeiro, praticamente completamente branco, apresenta um trabalho relativamente bem acabado, mostrando num dos seus lados os riscos que indica a figura que o representa de lado; o seu destino pode ser motivo de discussão, porque muito embora dor causa das pontas que o terminam em ambas as extremidades pôde servir para perfurar as peles que provavelmente serviriam de roupa naquela época, também seria de supor que se destinasse a fazer parte do adorno dos penteados, semelhantes àqueles que hoje em dia ainda usam algumas tribos muito atrasadas no caminho da civilização. O número 10 é ainda mais notável, porque representa uma grande agulha em osso com um olhal perfeito, cuja ponta infelizmente se partiu quando era extraída da massa na qual se encontrava. Também deve citar-se o número 11, que representa um punção de osso extremamente fino, tal como indica a figura, com uma superfície tão lisa como se fosse marfim, um efeito, sem dúvida, derivado do uso contí-

nuo ao qual deveu estar destinado; e o número 14, que é um pedaço de pedra de ardósia com o seu orifício para o pendurar, e que poderia ter servido como decoração naquela época.

p. 14

Todas as figuras compreendidas na lâmina nº 2 estão à escala real.

Os objectos de sílex talhados que foram encontrados parecem representar um trabalho menos perfeito que os encontrados na gruta de Camargo, chamando a atenção neste depósito a abundância de pedras de rio que se encontram toscamente partidas, como se se tratasse de um trabalho preliminar para outros mais delicados.

Toda esta massa de restos animais estava tapada por uma camada estalagmítica de um centímetro escasso de espessura, tendo aparecido igualmente, misturadas com eles, estalactites muito finas, a maior com cerca de um decímetro de comprimento, e algumas estalagmites que mediam até oito centímetros, formando na sua parte inferior conglomerados muito curiosos, constituídos por conchas, ossos e objectos de pedra talhados. Convém fazer constar que até agora não apareceram restos de cerâmica nesta gruta.

Todo este depósito descansa sobre pedras e lajes, que parece que correspondem às quedas da abóbada, que por alguns sítios apresenta sinais evidentes de se ter desprendido em duas camadas, sendo portanto indubitável que estes desabamentos foram anteriores à formação do depósito.

Ao citar esta grande massa de restos animais, formada por uma quantidade infinita de conchas, não posso deixar de notar a semelhança que pela sua composição apresenta com os depósitos encontrados nas costas do mar da Dinamarca e que são conhecidas com o nome de KJÖKKENMÖDDINGS, isto é, montão ou aglomeração de conchas.

Tal como estes últimos, é constituída por pedras talhadas, muito embora em menor quantidade; ossos partidos, talhados e trabalhados, e uma enorme quantidade de conchas marinhas, faltando até agora, para que a comparação seja mais exacta, que no nosso depósito apareceram cacos de vasilhas de barro, e espinhas e ossos de peixe. Poderia dizer-se que ao nosso depósito lhe falta também a circunstância de se encontrar à beira-mar; esta é a verdade, mas se considerarmos que em linha recta a costa não está a mais de dois ou três quilómetros de distância, e que mesmo na Dinamarca se encontraram alguns no interior a várias milhas da costa, a diferença indicada desaparece.

p. 15

Seguindo o exame da primeira galeria, e precisamente a partir do lugar onde conclui o depósito de ossos e conchas, o visitante encontra-se surpreendido ao contemplar na abóbada da gruta um grande número de animais pintados (ver a lâmina número 3, que os representa na mesma posição em que estão), parece que com ocre preto e vermelho, e de grande tamanho, representando na sua maioria animais que, com

as suas corcundas, têm alguma semelhança com o bisonte³, dos quais dois estão de lado e completos, a outros falta-lhes a cabeça, alguns estão em posições incompreensíveis, e de outros restam apenas alguns traços, tendo desaparecido, em maior ou menor medida, as cores que serviram para os pintar. Existe também a figura de uma corça inteira, muito bem feita, e uma cabeça que parece de cavalo, formando entre todos o número de vinte e três, sem contar entre eles outros vários, dos quais restam apenas alguns perfis, chamando especialmente a atenção, pelos seus tamanhos, os dois referidos mais acima, que medem mais de um metro e vinte e cinco centímetros de altura, e um metro e cinquenta e cinco centímetros de comprimento; e a corça, que tem dois metros e vinte centímetros de comprimento e um metro e quarenta centímetros de altura. Depois de examinar com atenção estas pinturas, apercebemo-nos de que o seu autor tinha muita prática em as fazer, porque se observa que se devia tratar de uma mão firme e não hesitante, porque cada linha se

³ Nos seus trabalhos, no artigo sobre o Bisonte, o naturalista Buffon diz ter encontrado noutros tempos nas zonas desertas da Europa bois selvagens, uns com uma corcunda e outros sem ela; de acordo com este dado, poderia supor-se com algum fundamento que os primeiros são os representados nas pinturas que se citam, porque muito embora pela corcunda estes têm alguma semelhança com o bisonte e o zebo, as diferenças que os separam são muito mais numerosas.

realizava com um traço com toda a definição possível; devido ao plano tão desigual como o da abóbada e aos meios que tinha ao seu alcance para o fazer; não sendo menos dignas de tomar em conta as numerosas posturas que o autor teve que adoptar, porque nalgumas partes praticamente nem podia estar de joelhos, e a outras não chegava, mesmo esticando o braço; aumentando a estranheza ao considerar que todo teve que ser feito com luz artificial, porque não é possível supor que lá chegasse a luz do dia, porque, mesmo fazendo a concessão (que parece pouco provável) que a entrada fosse muito grande, o último terço desta galeria, que é onde se encontram as pinturas e que se dirige para esquerda, praticamente não estaria iluminado, o que faz com que, em qualquer caso, receberia por reflexão uma luz muito fraca. Convém igualmente referir que uma grande parte das figuras estão colocadas de maneira que as protuberâncias convexas da abóbada estão aproveitadas, de forma a não prejudicarem o conjunto, o que demonstra que o seu autor não carecia de sentido artístico.

A galeria número dois só oferece a particularidade do facto de ter um buraco, no fundo, onde estão pintadas as figuras números 1, 2, 3 e 4 da lâmina nº 4; a segunda no tecto, unicamente com perfis pretos, e as outras sobre os lados, com as linhas compridas em preto e as mais curtas em vermelho.

A terceira galeria não tem nada de notável, a não ser o grande número de pedras desprendidas da abóbada, e a figura representada no número 5 da lâmina referida; e à entrada da quarta galeria e no seu interior encontram-se pintados os desenhos 6 e 7 da mesma lâmina.

p. 18

A quinta galeria, cujo acesso é muito incómodo, porque é preciso andar alguns metros materialmente ajoelhado e com muita precaução para não bater com a cabeça, merece bastante mais atenção que as três que a precedem. Depois de passar a parte estreita, a galeria eleva-se a um pouco mais de um metro e sessenta centímetros, por um metro e trinta centímetros de largura; examinando as paredes laterais, que são de pedra, vê-se que em muitos sítios elas estão cobertas por um grande número de pequenos riscos, realizados, ao que parece, com um instrumento com uma ponta muito aguçada, mas sem que se descubra nenhuma figura nem um sinal que chame a atenção; poderíamos supor que estes riscos foram feitos pelos morcegos, mas existem nalguns lugares onde não é possível aceitar esta hipótese.

Também é interessante notar que as pedras que sobressaem dos lados, e sobretudo nas voltas que dá a galeria, têm a superfície lustrosa e macia, como se isso tivesse sido causado por passagens muito repetitivas de pessoas ou de animais; em qualquer caso, é de supor que naquele tempo, esta galeria não apresentava um acesso tão difícil como agora. A

camada arenosa e desigual que cobre o solo indicando que nalguma época passaram por lá águas em abundância, vem apoiar esta última opinião, e talvez seja devido a essa corrente que se tenha encontrado um depósito de vários ossos neste sítio, entre os quais, o mais notável, devido ao seu grande tamanho, é uma vértebra.

Por isso vale a pena fixar a atenção no tecto, formado de pedra, que, em grande parte, parece estar revestida com uma fina camada de argila, sobre a qual se observam uns sulcos não profundos, como se tivessem sido feitos passando os dedos da mão e repetindo esta operação em toda a largura do tecto.

p. 19

Nos lados desta galeria vêem-se apresentados os números 8, 9, 10, 11 e 12 da lâmina nº 4; os três primeiros não devem ter tido mais do que os perfis pretos que ainda conservam, e o onze está marcado com um objecto de ponta fina e pontiaguda; as figuras que compreende o número 12, que não têm mais do que perfis pretos, encontram-se reunidas na mesma posição que se indica na lâmina, sendo bastante difícil decifrar o que querem representar, para avançar uma opinião que tenha algum fundamento. Os originais da lâmina nº 4 são muito maiores do que as figuras que se mostram nela.

Passando por todas as galerias referidas, excepto a primeira, podem notar-se à direita e à esquerda traços pretos, correspondendo quase sempre os de um lado à frente dos do outro, que se poderia supor que tivessem sido feitos por uma

pessoa sem experiência para reconhecer o caminho percorrido, mas esta ideia não parece admissível, porque nesse caso, seria provável que tivessem sido feitos ao alcance da mão, como se diz geralmente, e não em sítios elevados e separados do caminho que devia percorrer aquele que os traçou; para além de que nalguns lugares são tantos e tão repetidos, que não se explica satisfatoriamente o seu grande número, como também não se explica a existência de outros que se encontram na terceira galeria, entre umas rochas amontoadas num canto, e que não se vêem com facilidade. Tudo isso leva a pensar se teriam sido feitas antes do desabamento das pedras nas quais aparecem.

p. 20

De tudo o que já se disse, depreende-se, de um modo inegável, que esta gruta foi habitada, ou durante muito tempo ou por muita gente, porque só assim se explica a abundância de restos animais que, devemos supor, lhes serviram de alimento. Também parece que a sua estadia foi mais longa que curta, porque assim o indicam não só as provas da sua nascente indústria, mas também o estado de conservação diferente no qual se encontram muitos ossos e chifres, porque enquanto que alguns estão em bastante bom estado, outros desfazem-se completamente, por muito cuidado que se tenha para os extrair da massa que os contém.

No que se refere às pinturas que foram encontradas, não há dúvida que as da primeira galeria apresentam uma perfeição

notável em comparação com as demais, mas apesar de tudo, o seu exame minucioso faz supor que seriam contemporâneas umas das outras. Mais difícil será resolver se todas elas correspondem à remotíssima época na qual os habitantes desta gruta formaram o grande depósito que nela se encerra; mas muito embora isso pareça pouco provável, tomando em consideração o seu bom estado de conservação, depois de tantos anos, convém referir que entre os ossos e as conchas se encontraram pedaços de ocre vermelhos que, sem grande dificuldade, poderiam ter servido para estas pinturas; de outro lado, se bem que as condições invulgares das da primeira galeria nos fazem pensar que são obra de uma época mais moderna, não há dúvida de que nas repetidas descobertas, que não podem ser questionadas, como a actual, se verificou que o homem, quando não tinha senão as grutas para habitar, sabia reproduzir com bastante similitude sobre hastes e dentes de elefante,⁴ não só a sua própria imagem, mas também a dos animais que ele via; portanto, não será arriscado admitir que se naquela época se faziam reproduções tão perfeitas, gravando-as sobre corpos duros, não existe nenhuma razão fundada para negar que as pinturas de que se trata tenham também uma proveniência tão antiga. Poderá dizer-

⁴ Na obra publicada por Lubbock, páginas 303, 304 e 305, estão repre-

se que a opinião emitida acima assume como evidente a existência nesta província, numa certa época, do boi com corcunda ou do bisonte (supondo que este último seja o reproduzido nas pinturas), sobre o qual não existe nenhuma notícia até agora; mas por mais que isso seja certo, não é razão suficiente para o negar, naturalmente, com tanto ou mais motivo que se constatou a existência do segundo em vários pontos da Europa, em épocas remotas, e sendo a do primeiro admitida por Buffon, uma autoridade na matéria. O único argumento decisivo que, na minha opinião, iria resolver esta questão, seria a descoberta de algum resto daqueles ruminantes entre os numerosos que se encontram nesta gruta.

p. 22

Estou ciente de que muitos dos meus leitores podem ter dúvidas de se os desenhos e as pinturas dos quais estou a tratar, e que na minha humilde opinião são dignos de um estudo minucioso, terão servido de distracção a um novo Apeles; tudo é possível, mas levando este assunto a sério, não parece que esta opinião seja aceitável. Em primeiro lugar, esta gruta era completamente desconhecida até há poucos anos; quan-

sentadas várias figuras de animais, gravadas sobre chifres de renas, e um mamute sobre um pedaço de marfim. O Sr. Vilanova, na sua interessante obra sobre a origem do homem, também publica uma gravura na qual aparece o desenho sobre pedra de um osso, e de um pedaço de marfim com a silhueta de um mamute.

do eu entrei nela pela primeira vez, sendo certamente dos primeiros que a visitaram, as pinturas número 12 da quinta galeria, que chamam facilmente a atenção porque se encontram a cerca de dois pés do solo e devido aos seus riscos pretos repetidos, já existiam. As da primeira galeria só as descobri no ano passado, em 1879, porque realmente, da primeira vez, não examinei com tanta atenção a sua abóbada, e porque para as reconhecer é necessário ir à procura dos pontos de vista, sobretudo se há pouca luz, tendo acontecido que pessoas que sabiam que elas existiam, não as distinguiram, mesmo colocando-se ao seu lado; de resto, penso que é indubitável que, tanto umas como as outras, não são de uma época recente; as da quinta galeria porque não é admissível que para se entreter, alguém se meta lá dentro para pintar umas figuras indecifráveis; e as da primeira, se bem que, como já referi, não parecem de uma época longínqua, resistimo-nos a supor que numa data recente tenha havido alguém disposto a encerrar-se naquele lugar para reproduzir em pintura animais desconhecidos neste país na época do seu autor.

De todo o anterior deduz-se, com bastante fundamento, que as duas grutas referidas pertencem, sem dúvida alguma, à época designada pelo nome de *paleolítico*,⁵ isto é, a da

p. 23

⁵ A época pré-histórica subdivide-se do ponto de vista cronológico em

pedra talhada, isto é, a primitiva que se pôde referir a estas montanhas.

p. 24

Deixe-se assim, para outras pessoas mais ilustradas, a realização de um estudo meticoloso sobre os dados que superficialmente deixo referidos, sendo suficiente para o autor destas linhas a satisfação de ter compilado um grande parte dos objectos tão curiosos para a história deste país, e de ter adoptado as medidas oportunas para que essa curiosidade imprudente não faça desaparecer outros não menos importantes, dando com tudo isto motivo para que os homens de ciência fixem a sua atenção nesta província, digna de ser estudada mais do que o foi até este dia.

* * *

Depois de escrito o anterior, tive ocasião de visitar outras grutas desta província, e para informar os que estão interessados neste assunto, passo a descrevê-las tão rapidamente como também o foi a minha visita a elas.

quatro períodos: a idade da pedra talhada ou paleolítica, a idade da pedra polida ou neolítica, a idade do bronze e a idade do ferro. O Sr. Vilanova, na sua obra intitulada *Origim do homem*, estabelece outras divisões, de acordo com as quais os objectos dos quais me ocupei, corresponderiam à época mesolítica, isto é, três períodos anteriores à do ferro.

Na Câmara Municipal de Santillana de la Mar, onde se encontra a Venta del Cuco, existe uma gruta que, vista do exterior, não faz supor que possa ter servido de habitação, porque se encontra numa concavidade onde se reúnem as águas das colinas imediatas, sendo esta gruta a sua única saída. A sua entrada, relativamente pequena, encontra-se exposta a S.; todo o seu aspecto interior parece confirmar a ideia de que sempre esteve desabitada, devido aos grandes desníveis e ravinas produzidas pelas águas; contudo, observada com atenção, descobre-se do lado esquerdo da entrada, e muito perto da mesma, uma camada de conchas do género patella, não muito grandes, praticamente todas elas cobertas por uma capa estalagmítica algo espessa, cuja descoberta me fez mudar de opinião. Seguindo a galeria, que é muito extensa e perigosa em vários pontos, encontram-se algumas conchas e ossos, num lugar bastante retirado, mas que está ao abrigo das águas, mesmo abundantes, encontrou-se um pequeno depósito de ossos talhados, conchas, dentes de animais e vários objectos de pedra talhada, misturados com uma capa de terra escurecida, demonstrando a presença de tudo isto que o homem viveu ali durante mais ou menos tempo.

Outra gruta que existe na Câmara Municipal de Camargo, na aldeia de Encebedo, chamada San Pantaleon, merece a pena ser visitada porque apresenta uma entrada fantástica, decorada com velhas heras e outros arbustos. A sua descida

é um pouco incómoda devido às grandes massas de pedra desprendidas da entrada, chamando a atenção o grande desnível que existe desde esta última até ao fim da gruta, que com certeza será de mais de trinta metros; como à metade da distância encontra-se um banco de terra escura que contém um grande número de ossos, alguns talhados, dentes de animais e vários objectos de pedernal talhados, cuja existência denota que também esta gruta foi habitada pelo homem.

p. 26

Por último, citarei outra chamada de Cobalejo, na Câmara Municipal de Piélagos, inspeccionada pela primeira vez há alguns meses, pelo meu amigo M. Eduardo de la Pedraja, que tem uma forma especial. A sua concavidade, que terá aproximadamente 13 a 14 metros de leste a oeste, por 20 de norte a sul, assemelha-se a um palco, visto de frente; porque a sua fachada, se assim se pode chamar, é praticamente tão larga e alta como o seu interior, oferecendo a particularidade de que a sua entrada está de lado, por um buraco um pouco maior do que uma porta normal, sem o qual teria sido difícil visitá-la, porque o seu acesso pelo ponto que chamamos fachada, virado para S., era bastante difícil. Esta gruta contém em quase toda a sua extensão uma grande massa, de alguns pés de altura, formada por terra argilosa, misturada com ossos partidos e talhados, uma grande quantidade de dentes e molares de diferentes animais, e bastantes utensílios de pedra talhada, muito embora não tão perfeitos como

os provenientes da gruta de Camargo, citada anteriormente. Também se encontraram alguns ossos revestidos com uma camada estalagmítica a bastante profundidade, formando em alguns lugares uma verdadeira brecha de ossos; mas o objecto que na minha opinião pode dar mais importância a esta gruta, encontrado metido de canto entre duas rochas grandes, e que foi recolhido pelo meu amigo, o Sr. Pedraja, é uma pedra de grão de vinte e três centímetros de comprimento, de média, porque é desigual, por vinte e quatro de largura, com sete de espessura, e que na superfície apresenta duas concavidades de seis a sete centímetros de largura, por quatro e meio de largura e dois a três de profundidade, e que numa das suas extremidades, que está partida, apresenta a metade de outra concavidade como as referidas; o seu conjunto lembra algumas pedras semelhantes que foram encontradas noutros países, e que foram classificadas como alisadores; não me parece que aquela de que falamos tenha tido essa utilidade, porque o comprimento das concavidades é demasiado limitada para o objecto, inclinando-me mais a supor se o seu uso seria para moer ou triturar o grão que teria servido de alimento. Seja como for, não há dúvida que quer os objectos encontrados nesta gruta, quer nas restantes que já citei, demonstram positivamente a permanência nelas do homem durante algum tempo, havendo razões fundamentadas para esperar que estas não sejam as últimas provas que

justifiquem a remotíssima data à qual se refere a primitiva população destas montanhas.

Imagens

1. Objectos pré-históricos da província de Santander
Provenientes de uma gruta na Câmara Municipal de Camargo.
2. Objectos pré-históricos da província de Santander
Provenientes de uma gruta na Câmara Municipal de Santillana del Mar.
3. Objectos pré-históricos da província de Santander
Pinturas na abóbada de uma gruta na Câmara Municipal de Santillana del Mar.
4. Objectos pré-históricos da província de Santander
Pinturas que se encontram nas paredes de uma gruta na Câmara Municipal de Santillana del Mar.